

*Com a presença dos realizadores*

## EQUAÇÃO DIVINA / 2020

**Realização:** Ricardo Machado / **Argumento:** João Craveiro / **Fotografia:** Carlos Sequeira / **Montagem:** Tiago Inuit / **Efeitos Visuais:** Miguel V. Santos / **Correção Cor:** Nuno Garcia / **Genérico:** André Santos / **Direção Artística:** Filipa Costa / **Música:** Tiago Inuit / **Operador Câmara:** Ricardo Machado / **Som:** Bruno Sopa / **Edição Som:** Tiago Inuit / **Assistente de Imagem:** Bruno da Palma-Veríssimo / **Assistente de Som:** João “Mega” Boieiro / **Operador Drone:** Daniel Louro / **Interpretação:** Erica Rodrigues (Alexa), João Craveiro (107º Adão), Luís Lobão (voz divina), Daniela Santos (gerente da loja) / **Figuração:** Adelina Lourenço, Maria Sameiro Martins, Bruno Cruz.

**Produção:** João Craveiro, Rita Lima e Ricardo Machado / **Cópia:** Ficheiro, cor, 15 minutos.

---

EQUAÇÃO DIVINA trata-se de uma curta metragem que foi crescendo na fase de edição, e, consequentemente melhorando até ao resultado final.

Dos filmes que concretizei até ao momento é provavelmente aquele em que mais experienciei o que é ter um trabalho de equipa.

Começo por ser uma ideia escrita pelo João, disse-me que gostava que fosse eu a realizá-la. Num breve encontro ouvi o que ele tinha para dizer e, mesmo sem meios financeiros na altura, decidi arriscar. “Porque não avançar realizar agora algo que me está a ser proposto por um ator?”, lembro-me de ter pensado.

Considerarei então que tinha um guião com potencial para uma curta e que iria fazer os possíveis para que essa/esta história visse a luz do dia.

Reuni algumas pessoas de anteriores colaborações (como o Tiago, o Nuno, o André), bem como, outras novas caras que se quiseram juntar à aventura (como o Carlos, a Filipa, o Bruno) e o filme materializou-se.

Foi uma rodagem em que pude, para além da iminente preocupação que é fazer produção, estar particularmente dedicado à câmara - estar apegado à imagem - devoto àquilo que para mim fazia sentido, de modo a contar da melhor forma o argumento que tinha em mãos. Com tranquilidade confiei a direção de atores (ao João e à Érica) que, na minha opinião, interpretaram bem. Não posso deixar também de referir o dedo mágico que o Tiago teve na pós-produção.

Após esta ante-estreia, nos próximos tempos, espero francamente ter um Bom feedback de todos os que vierem a ver a EQUAÇÃO DIVINA.

Ricardo Machado

## VOLTA / 2020

**Realização:** Bruno Moreira / **Argumento:** Bruno Moreira e Luís Cunha / **Direção de fotografia:** Luís Cunha / **Diretor de som:** Pedro Mota / **Direção de arte:** Mónica C. Welton / **Montagem:** Bruno Moreira / **Música Original:** Luís Cunha / **Pós-produção de imagem:** Luís Cunha / **Pós-produção de som:** Pedro Mota / **Artista convidado:** DEAU / **Assistente de realização:** Mariana Oliveira / **Assistente de produção:** Rita Burmester, Pedro Burmester / **Operador de câmara:** Andreia Silva / **1º Assistente de Câmara:** Beatriz Pereira / **2º Assistente de Câmara:** Ana Luísa Veloso / **Fotografia de Cena:** Inês de Castro / **Assistente de Imagem:** Tiago Colaço / **Assistentes de som:** João Tomé Pereira, Isabel Braga / **Continuidade:** Mariana Rocha / **Caracterização:** Andreia Pinto / **Making of:** Pedro Santasmarinas.

**Entidade produtora:** ESAP / **Co-produção:** ESAP | Balleteatro | FILTRO / **Produtores:** Bruno Moreira, Luís Cunha e Mónica C. Welton / **Cópia:** Ficheiro, cor, 13 minutos.

---

O início destes textos é sempre complicado para mim, e não acaba de forma mais leve, para mal da minha ansiedade. No entanto, na escrita de filmes tudo é diferente. E no que toca à escrita do **Volta**, esta fez-se praticamente a si mesma. O envio do documento entre mim e o co-argumentista Luís Cunha, fez-se durante uns dias e logo as personagens começaram a falar por si. Posso partilhar que este foi dos filmes que mais vivi enquanto o escrevi, sem saber que anos mais tarde me depararia com a mesma realidade. Gosto de “entrar na pele” dos personagens enquanto os escrevo e aqui as lágrimas foram de verdade. Tão reais que, até durante a rotação estas teimaram em aparecer.

Quando iniciámos este filme, eu estava a começar o meu caminho como realizador e não podia estar mais entusiasmado por este ser o meu primeiro, e único até hoje, rodado em película. No entanto após todos os desafios ultrapassados, pela nossa jovem equipa, chegou a desilusão, quando vimos o nosso filme ficar na gaveta por falta de orçamento para uma digitalização digna.

Hoje vencido mais um obstáculo, estamos aqui, finalmente, a ver o **Volta**. Sete anos passaram e muita coisa mudou. Por exemplo, são raras as pessoas que nos dias que correm, usam telemóveis de teclas, muito menos os jovens! No entanto, o filme continua a ser uma realidade presente em muitas famílias portuguesas. E aqui partilho o que iniciei mais acima neste texto: após ter filmado o **Volta** a minha família passou de 4 a 3 na mesa de jantar. Eu sabia, enquanto o escrevi, que estava a espelhar a força da minha mãe para escrever esta mãe que hoje vos mostro, longe de imaginar que a ficção se tornaria tão real. Felizmente o meu pai voltou.

Bruno Moreira

## “SÁBÀTINA” / 2019

**Realização, Som, Fotografia e Montagem:** Rafael dos Santos / **Estreia:** INDIELISBOA 2020.

**Cópia:** Ficheiro, preto e branco, 2 minutos.

---

“Ciclo. Ritual. Esqueleto. Corpo. Luz. Entranhas. Sangue. Nascer. Embrião. Mãe. Ambiente. Mistério. Cavalo. Eu, Rafael. Ossos. Medo. Cordão umbilical. Estar no meio. De dentro para fora. Pintura. Padrão. Da cor para a escuridão. “No escuro é que se trabalha”. Escamar. A verdade das sombras. Arranhar. Orifícios. Túnel. Bebê. O diabo. Distração. Expelir. Bicos. Jardinagem. Redondos. A temperatura da terra. Sonho. A caçadeira do meu avô.  $1+1=2$ , se eu quiser. Estar aqui, agora, hoje. Bichos. 21 anos. Ratos. Um espelho que não reflete. Estragar o que já tenho. Nascer outra vez. Estar no caos no meio da paz. Ovo. Grão a grão. Rasgar. Cona. Óvulo. Água. Penetração. A espera do lagarto. Retar. Casulo. Rebentar com tudo. Às portas do destino. O estado líquido das coisas. Matreiramente. Conflitos familiares. O que está dentro. A viscosidade da memória. Ver o filme da minha última ecografia. Alarme. Ser imortal. O sangue como a verdade. Vermelho. O cosmos. O olhar atento do que não está lá. Refazer. Afunilar primeiro para depois ampliar. Ser vidente. Nascer outro. Fazer no momento certo. Pegadas. Máquina do tempo. As minhas mãos. Encontrar o grupo. Nevoeiro. Bruxaria. Alvo. Tiro certo. Eu sou o meu ambiente.”

Rafael dos Santos

## O ROSTO DA MINHA BEATRIZ / 2020

**Realização:** Ricardo Franco / **Compositor:** Mandacaru / **Escultor:** Miguel Matos / **Assistente de Realização:** João Gomes / **Assistente de Produção e de Escultura:** João Ferreira / **Escultura Adicional:** Pedro Banza / **Interpretação:** Matilde Jalles, Manuel Jerónimo.

**Cópia:** Ficheiro, preto e branco, 25 minutos.

---

**O Rosto da Minha Beatriz** é um filme experimental. O desafio foi o de desenvolver um tema e um problema dramático não pela narrativa, mas pela atmosfera, de ser uma atmosfera, e não uns acontecimentos, a produzir pensamentos e expectativas, sombras e fantasmas, revelações.

Quis filmar um sonho diurno com a atmosfera de um filme negro, filmar um episódio lírico como se procurasse a raiz da obsessão amorosa, de um crime não definido. O objectivo era o de exprimir uma sensibilidade, uma forma de viver algo.

A ter algum interesse, residirá em pequenos momentos na montagem, em figuras de estilo fílmicas, aqueles que, com sorte, podem lançar o espectador para o infinito, para a região da sua própria imaginação e reflexão.

Escrevo-o não com o intuito de explicar o filme, mas com o intuito de o enquadrar num estilo de cinema, de, realmente, o introduzir.

Sempre tive um carinho imenso pela Cinemateca, sempre a tive como a casa dos milagres, dos milagres do cinema, dos acontecimentos fílmicos que inscrevem um plano, uma ideia, uma sensação, qualquer coisa, na nossa vida, de uma forma que não há forma de apagar. É, por isso, muito significativo que possa apresentar o meu filme nesta casa, mas também é significativo, se me permitem, que, numa altura em que se discute a identidade, o futuro e o propósito do cinema português, a Cinemateca acolha a ante-estreia de um pequeno filme não-narrativo, não-comercial, no melhor dos casos, sensível e íntimo, que não quer ensinar nada a ninguém.

Ricardo Franco